

CADERNO 2

ESTREIAS
DE CINEMA.

PÁGS. 5, 8, 9 e 10

ERNESTO RODRIGUES/AE



ENSAIO - O ator Val Pires à frente
do elenco no Galpão do Folias

O bardo e a peça perdida

Grupo Folias é escolhido por pesquisador de **Havard** para encenar *Cardenio*, suposto fragmento de um texto de **Shakespeare**, em projeto que inclui 20 cidades. **◻ PÁG. 4**

TeatroProjeto:

Adaptação brasileira de *Cardenio* é auto-irônica

Folias cumpriu à risca dever de transpor a peça para a realidade cultural do País

Beth Néspoli

Uma vez que quem conta um conto aumenta um ponto, a notícia chegou assim aos meios teatrais: pesquisador de Harvard encontrou um fragmento de *Cardenio*, peça perdida de Shakespeare, de 1613, e está convidando grupos de 20 cidades do mundo inteiro para criar um espetáculo a partir desse fragmento. No Brasil, o escolhido é o Folias, que já ensaia sua montagem de *Cardenio*, sob direção de Marco Antonio Rodrigues, para estreiar no dia 20.

Nem tudo é invenção nessa história. Como se pode ler abaixo, há registros da estreia de uma peça chamada *Cardenio* no Globe Theatre, no dia 20 de junho de 1613, escrita a quatro mãos por William Shakespeare e seu jovem assistente John Fletcher. Ao que tudo indica, o manuscrito se perdeu antes da primeira compilação das obras do bardo, em 1623. Em 1727, Lewis Theobald teria encontrado o original e o adaptado no espetáculo *Dupla Falsidade*.

Esse último serviu de base para um projeto do doutor e pesquisador da Universidade de Harvard Stephen Jay Greenblatt. Em parceria com o dramaturgo norte-americano Charles Mee, ele criou nova adaptação de *Cardenio*. E, com apoio de uma fundação, também um projeto que prevê montagens em vários países. “A proposta é que cada grupo se aproprie do texto e o adapte à sua cultura”, diz o diretor do Folias. Greenblatt virá ao Brasil para a estreia.

“A estrutura do texto que recebemos, a adaptação de Greenblatt, é a da peça dentro da peça. Há uma cerimônia de casamento no campo e os pais do noivo trazem de presente para a festa uma peça perdida de Shakespeare, para ser representada para os convidados”, diz Rodrigues. O jogo de espelhamento comum nas comédias de Shakespeare se faz presente: os noivos reconhecem a si mesmos no casal da suposta peça de Shakespeare que representam, e isso os leva a mudar seu destino.

GRUPO CRÍTICA COM HUMOR ÁCIDO A PRECARIIDADE DA CENA TEATRAL

“Ficamos sabendo desse projeto por Pedro Schwarcz, ator do elenco de *Querô* (peça do Plínio Marcos encenada no Folias)”, diz Rodrigues. A pulgar pela leitura do texto e pelos dez minutos de ensaio permitidos à reportagem do **Estado**, os artistas do Folias não se fizeram de rogados no que diz respeito à transposição cultural. O tom irônico aparece já no prólogo, no inglês propositalmente tos-

A VOZ DA CRÍTICA

“Esse fragmento às vezes é atribuído a Shakespeare, mas não hoje em dia: já está na edição das apócrifas. É uma peça perdida. Nenhum texto de *Cardenio* pode ser atribuído a Shakespeare de maneira alguma, porque ninguém sabe ao certo como era a peça. Nas obras completas da Oxford Shakespeare, de Stanley Wells, há uma menção a *Cardenio*, mas é tudo muito vago. Não há nada que comprove a autenticidade do fragmento que supostamente serviu de base à peça *Dupla Falsidade*. Mas se um pesquisador de Harvard quer ser divertir e está disposto a investir dinheiro nisso, eu acho ótimo. Cada um brinca como quer e pode. Agora, só acho que Shakespeare não tem nada com isso. Não há base para provar autoria. Há muito tempo *Cardenio* entrou nessa briga (por autenticidade) e nunca se conseguiu provar nada. Quando não há mais nada a fazer, brincam com essas ideias.”

DEPOIMENTO DA CRÍTICA E TRADUTORA BÁRBARA HELIODORA À REPÓRTER BETH NÉSPOLI

co do ator Val Pires, cujo personagem é um serviçal, mas pode ser também o tal pesquisador de Havard no jogo de dupla identidade que perpassa todo o espetáculo. A festa de casamento foi transferida para a Serra da Cantareira, mas permaneceram do original, nas frases dos personagens, os vinhedos e oliveais da região italiana da Umbria.

O contraponto cômico se estende aos paralelos entre a dificuldade de encontrar o local da festa e à localização do teatro, no centro degradado da cidade. Nem mesmo Greenblatt escapou do humor do grupo (*leia no trecho ao lado*), cujos atores não perderam a oportunidade de rir de si mesmos, por meio da crítica à precariedade da atividade teatral no Brasil. Significativamente, os pais do noivo pretendem gravar um piloto para a TV. “E esperam ganhar mais dinheiro de Havard com isso.”

Por que aceitar tal convite? “Estamos vindo de duas montagens bastante difíceis, pesadas, *Oresteia* e *Querô*. E há meses preparamos o próximo trabalho, *Êxodo*, cujo tema é o indivíduo exilado dentro de seu próprio território”, explica Rodrigues. “Esse convite representa um respiro para o grupo, a possibilidade de brincar com uma comédia romântica.” A proposta era uma leitura dramática. “Recebemos U\$ 25 mil; valor insuficiente para uma encenação, mas achamos que não valia a pena todo o trabalho da adaptação para uma leitura apenas. Vamos botar no palco.”



ERNESTO RODRIGUES/AE



ENSAIO - Dois flagrantes de aquecimento dos atores sob o olhar do diretor Marco Antonio Rodrigues

TRECHO DA ADAPTAÇÃO DE REINALDO MAIA

LUISA - ... Nós recebemos um convite especial de Harvard para fazermos uma obra de Shakespeare! Uma obra que se encontrava perdida!
ANSELMO E CAMILA - Lua de mel em Harvard!
DORIS - Não sabia que Shakespeare tinha perdido uma obra.
ALFRED - Bom, não é que ele perdeu... Ela se perdeu sozinha!
DORIS - É... Os mapas da época também deviam ser muito confusos...
ALFRED - Parece que foi montada na época, mas nunca foi impressa...
LUISA - E então desapareceu...
ALFRED - Como muitas outras obras na história que desapareceram... Pense nas obras de Sófocles. De 123 peças só sete ficaram. E até onde sabemos, muitas obras de Shakespeare podem ter se perdido. Mas *Cardenio* reapareceu no século 18... E depois sumiu de novo!

LUISA - Recentemente foi descoberta por um pesquisador de Harvard...
ALFRED - Bom, pesquisador do tipo...
DORIS - Indiana Jones!
LUISA - Uma espécie de...
DORIS - Charlátão!
ALFRED - Uma pessoa não exatamente...
DORIS - Digna de confiança! (*Rudi toca o tema de Indiana Jones na corneta*).
RUDI - Se é realmente uma obra de Shakespeare ou se ele apenas escreveu um pedaço, o certo é que o velho manuscrito desapareceu quando o antigo Convent Garden pegou fogo em 1804. Enfim, ninguém pode provar o quanto de Shakespeare existe nela!
LUISA - Mas pelo menos a versão do charlatão sobreviveu.
ALFRED (*Para Anselmo*) - E sua mãe e eu vamos filmá-la! Precisamos o quanto antes receber a

segunda parcela que Harvard nos prometeu!
LUISA - Mas, antes disso, decidimos fazer umas tomadas aqui com vocês!
ANSELMO - Mãe! Eu odeio atores! Odeio o teatro! E além do mais, ninguém aqui é ator!
ALFRED - Mas é disso que precisamos! Espontaneísmo! Este é o espírito da filmagem! É isso que nós queremos!
LUISA - Anselmo! Participar de uma obra perdida de Shakespeare a pedido de Harvard é uma oportunidade única! Vocês vão ler uma obra perdida de Shakespeare! E nós vamos filmar esse roteiro!
ANSELMO - Estávamos pensando em comer e beber, e talvez as pessoas queiram aproveitar que estão aqui e dar um pulo num shopping ou fazer um piquenique no Ibirapuera, não sei, mas não acho que alguém pensou que iriam ter de fazer uma obra!

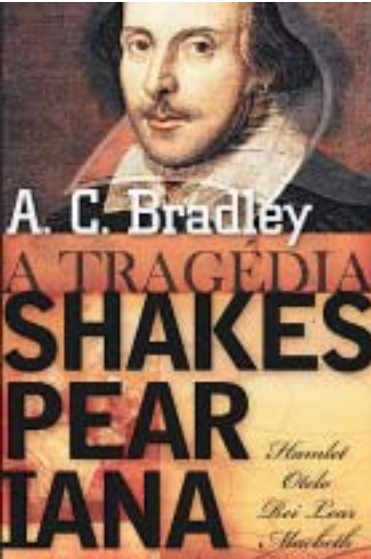
Enfim, chega ao Brasil ensaio fundamental sobre o bardo

Antonio Gonçalves Filho

Pode um estudo sobre Shakespeare publicado há mais de um século por um crítico vitoriano ser ainda fonte de referência para pesquisadores contemporâneos? Se esse crítico for o acadêmico inglês Andrew Cecil Bradley (1851-1935), a resposta é sim. Seu clássico estudo *A Tragédia Shakespeariana* (Editora WMF Martins Fontes, tradução de Alexandre Feitosa Rosas, 540 págs., R\$ 76), tantas vezes reeditado lá fora, acaba de chegar às livrarias brasileiras com revisão técnica do professor John Milton, da USP, que considera o livro “o mais influente sobre a obra de Shakespeare”.

Publicado em 1904, *A Tragédia Shakespeariana* reúne dez conferências e aulas de Bradley sobre quatro peças trágicas do dramaturgo – *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear* e *Macbeth*. O primeiro aspecto que destaca a abordagem de Bradley entre tantas outras é a aproximação entre a tragédia clássica, aristotélica, e a shakespeariana. Seu protagonista é sempre um ser muito acima dos comuns mortais – para o bem ou para o mal –, cuja queda trágica é decidida por um erro fatal ou fraqueza moral. Mas não só. Bradley insiste que o interesse de Shakespeare não recaia “simplesmente no caráter” dos seus personagens.

Caráter não é destino em Shakespeare, defende, contrariando a consagrada noção de que são apenas os traços morais que decidem a ação do herói trágico – muitas vezes, observa, ela pode ser provocada por alguma força sobrenatural (o fantasma do pai em *Hamlet*), e não pelo desejo heroico de subverter a ordem estabelecida, seja por vingança ou capricho. Bradley não corrobora, por exemplo, a ideia de que Hamlet fosse um homem mais inclinado a refletir do que a agir. Hamlet gostava tanto de teatro como de esgrima. O povo, nada chegado a filósofos, o respeitava mais pelo segundo atributo, observa Bradley, que nunca dividiu a crença comum na “fraqueza” do mais famoso personagem shakespeariano.



Do mesmo modo, Bradley considera insustentável a tese sobre o papel das bruxas de *Macbeth*, vistas como representações simbólicas da sua culpa inconsciente. Para o acadêmico, elas não são deusas nem parcas. São apenas velhas maltrapilhas, pobres macumbeiras cheias de escárnio. Macbeth, contudo, não teria sucumbido a forças externas ao praticar sórdidos atos, a despeito de alegar que recebeu “incentivo sobrenatural” da parte delas (Bradley só admite que elas o “tentam” depois do assassinato de Duncan e Banquo). Macbeth amaldiçoa-as, mas jamais transfere para as bruxas o fardo de sua culpa.

Entre as tragédias analisadas por Bradley, é em *Rei Lear* que ele identifica o “quadro mais terrível” que Shakespeare pintou do mundo. Nem mesmo Iago, o vilão de *Otelo*, seria páreo para as filhas de Lear nessa tragédia em que a humanidade é reduzida à condição de massa asquerosa, frágil e bestial. Bradley conclui que um dramaturgo como Shakespeare, que raramente menciona Deus ou os deuses, pode ter sido o que hoje se chama de um existencialista, palavra ainda não cunhada no tempo do acadêmico, apesar de Nietzsche.

O LONGO CAMINHO PERCORRIDO PELO TEXTO ATÉ CHEGAR À CENA PAULISTANA

• **1605** – Edição do livro *Don Quixote de la Mancha*, de Cervantes. No capítulo 24, intitulado Em que Prossegue a Aventura da Serra Morena, Quixote encontra Cardenio que conta como perdeu sua amada Lucinda ao pedir ao amigo Dom Fernando que testasse sua fidelidade.

• **1612** – *Don Quixote* é traduzido para o idioma inglês.

• **1613** – No dia 20 de maio es-

treia a peça *Cardenio*, assinada por Shakespeare e seu jovem assistente John Fletcher. Há registro de mais uma apresentação, no dia 9 de julho. No mesmo ano há um incêndio no Globe Theatre. A peça não é publicada na primeira compilação das obras do bardo, em 1623. O manuscrito é dado como perdido.

• **1653** – Humphrey Moseley registrou os direitos do texto *A História de Cardenio*, cujos auto-

res seriam Mr. Fletcher e Shakespeare. Acredita-se que tivesse em mãos o manuscrito, porém esse jamais foi publicado.

• **1728** – Theobald Lewis afirma ter em mãos o manuscrito de *Cardenio*, que ele adapta “ao século 18” no espetáculo *Double Falsehood, or, The Distressed Lovers* (*Dupla Falsidade ou O Amante Indigente*). Diz ter entregue o original à biblioteca do Covent Garden Theatre.

• **108** – Incêndio destrói a biblioteca do Covent Garden.

• **2004/2005** – O titular de literatura da Universidade de Harvard Stephen Greenblatt e o dramaturgo norte-americano Charles Mee reescrevem *Cardenio* a partir de uma triangulação entre o original de Quixote, a adaptação *Dupla Falsidade* e o elementos recorrentes na dramaturgia de Shakespeare.

• **2007** – Projeto de Greenblatt propõe a “apropriação” da obra *Cardenio* para realização de leituras dramáticas ou até encenações por 20 grupos de diferentes cidades, entre elas Zagreb, Calcutá, Madri e Yokohama.

• **2008** – O Folias é convidado a participar do projeto. Fernando Paz traduz o texto e Reinaldo Maia assina a adaptação que será dirigida por Marco Antonio Rodrigues e estreia no dia 20.